



**Projeto de Estabelecimento de Política de Educação Escolar Indígena
para a Região do Médio Xingu**

**Anexo 9.1- 15 - Projeto Político-Pedagógico da
escola do povo Arara da Volta Grande do Xingu**

**PROJETO POLÍTICO-
PEDAGÓGICO**

**ESCOLA DO POVO
ARARA DA VOLTA
GRANDE DO XINGU**

TI Arara da VGX

Julho/2015

Sumário

1. Bases legais.....	3
2. História do povo Arara da Volta Grande do Xingu	4
3. História da escola e a relação com o povo Arara da VGX	5
4. Objetivo da escola - o que a comunidade espera da escola	6
5. Participação da comunidade na escola - direitos e deveres da comunidade escolar.....	7
6. O que a escola precisa para funcionar bem	8
7. Metodologia de ensino - como deve ser o ensino na escola	9
8. Avaliação	11
9. Calendário escolar	11
10. Divisão de turmas e conteúdos.....	12
10.1 Divisão de turmas.....	12
10.2 Conteúdos e habilidades	13
11. Considerações finais.....	16

1. Bases legais

A Constituição Federal de 1988 foi um marco na legislação brasileira, pois garantiu oficialmente a existência de culturas e línguas diferentes em nosso país, afirmando que “(...) são reconhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” Dessa forma, a Constituição reforça o respeito pela organização sociocultural de cada povo, e esse respeito deve passar pela área da educação.

Quase dez anos depois, em 1996, o governo brasileiro criou a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*, cujo Artigo 32 assegura aos povos indígenas “o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”, garantindo assim uma educação diferenciada, de acordo com a realidade de cada povo. Além disso, no Artigo 79 da LDB encontram-se os objetivos que devem orientar os programas de formação escolar indígena:

“1º - fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

2º - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

3º - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

4º - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.”

As diferenças de carga horária, na forma de organizar o ano letivo e o calendário escolar das escolas indígenas estão garantidas por lei. Por isso o calendário próprio é permitido pela Resolução nº 3 do Conselho Nacional de Educação, de 1999, que diz:

“Art. 4º – As escolas indígenas, respeitados os preceitos constitucionais e legais que fundamentam a sua instituição e normas específicas de funcionamento, editadas pela União e pelos estados, desenvolverão suas atividades de acordo com o proposto nos respectivos projetos pedagógicos e regimentos escolares com as seguintes prerrogativas:

I – organização das atividades escolares, independentemente do ano civil, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas;

II – duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-as às condições e às especificidades próprias de cada comunidade.

Art. 5º – A formulação do projeto político pedagógico próprio, por escola ou por povo indígena terá por base:

I – as Diretrizes Curriculares Nacionais referentes a cada etapa da Educação Básica;

II – as características próprias das escolas indígenas, em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade;

III – as realidades sócio-linguísticas, em cada situação;

IV – os conteúdos curriculares especificamente indígenas e os modos próprios de constituição do

saber e da cultura indígena;

V – a participação da respectiva comunidade ou povo indígena.”

Assim, trazemos os principais aspectos garantidos pela lei no que diz respeito aos direitos dos povos indígenas no Brasil. Com isso, esperamos facilitar o diálogo com as diversas instâncias de governo e também garantir que todos os interessados nesse documento tenham um rápido acesso a estas informações, já que elas são a base do que hoje se entende por autonomia dos povos indígenas.

2. História do povo Arara da Volta Grande do Xingu

Nossa história não tem fim, não tem começo nem termina. Mas conhecemos a história a partir do Pirá, que era índio Arara puro e é avô do nosso atual patriarca, Leôncio Arara. Pirá teve quatro irmãos: Teodora, Pedro Arara, Manguari e Arini.

Pedro Arara e Manguari não casaram, então não espalharam a família. Arini era casado com a Pinhampi, que era Juruna. O casal teve quatro filhos, Tabirahu, Xãã, Joana e Vicente. A família de Arini morava com o Pirá e permaneceram juntos com ele.

Pirá vivia na maloca do Sucuriju, que ficava em um local chamado Muratá, uma morada na Volta Grande do Xingu e hoje chama-se Jericoá. Ele casou com a Pipina, que era Juruna pura. Uma das filhas do casal, Maria Firma, era a mãe do nosso patriarca e constituiu nossa família. Quando Pirá saiu da maloca do Sucuriju, acampou numa localidade chamada Chico Tintim.

Teodora, que era irmã do Pirá, era casada com o Joaquim, que também era Arara. Então seus filhos Anunu, Iró e Vicença eram Arara puros. Nosso patriarca conta que já ouviu muitos causos dos mais velhos sobre o fato de que os Arara eram sempre minoria, comparado com outras etnias, principalmente Kayapó. Uma das histórias contada por Anunu para Leôncio narrava uma briga de 19 Arara contra 20 Kayapó, em uma região chamada Queiroz, por baixo da atual aldeia Pot-krô, da TI Trincheira-Bacajá. Nessa briga, os Arara ganharam, só sobrou um Kayapó e morreu só um Arara.

A partir dessa briga, a família de Teodora pegou seu ubá (canoa feita a partir de um único tronco de Samaúma) e vararam na boca do Bacajá. Ficaram sabendo que o Pirá estava morando na região da Volta Grande do Xingu e a Tintim, que era Arara pura e tia do Pirá e da Teodora, também já morava no Pontão da Tintim, onde hoje é a aldeia Terrawangã. Fundaram, então, outras duas malocas próximas à morada onde vivia a Tintim, uma era a Samaúma e a outra Cocal, atual aldeia Guary-Duã.

Maria Firma, filha do Pirá, se casou com um maranhense chamado Bernardo e teve seis filhos, quatro homens (Leôncio, Nazaré, Marco e Martim) e duas mulheres (Maria e Leocádia), todos nascidos na região onde hoje vivemos. E a família ia crescendo. Nessa época, comíamos tudo assado, macaco e outras caças. Nós provamos nossa origem, pois ainda temos nosso velho para contar nossa história.

“Essa terra não é minha, é nossa!”, reforça nosso patriarca Leôncio Arara ao contar sobre a conquista do território Arara da Volta Grande do Xingu. Nosso patriarca se casou com Iracema, que é da etnia Xavante, teve oito filhos, Bibiana, Nazaré, Maria Horizontina, Morena, Conterrano, Maria José, Francisco e Luís, dos quais os últimos três ainda estão vivos, e criou outros cinco Benedito, Cristina, Adalton, Francisco e Luís Cláudio. Todos os filhos se criaram (e alguns faleceram) na terra onde nosso patriarca tem o orgulho de viver e defender. Ele conta que *“a comunidade está aberta a todos os parentes da nossa família, desde que queiram cuidar e manter a terra”*.

A Terra Indígena Arara da Volta Grande do Xingu (TI Arara da VGX) fica no município de Senador José Porfírio, antigo Souzel, no estado do Pará. Nossa terra fica na área onde todos conhecem por Volta Grande do Xingu e está localizada à margem direita do Rio Xingu, entre os Rios Bacajá e Bacajaí. Hoje nossa população é de aproximadamente 170 pessoas e vivemos em duas aldeias próximas uma da outra: Terrawangã, que significa “fim da terra” e Guary-Duã, que significa “cocal”.

Hoje, nossas comunidades vivem da roça, da caça e da pesca artesanal e ornamental. Mesmo com o passar dos anos, mantemos e respeitamos o modo de vida dos nossos antepassados. Nosso representante maior é o chefe do nosso povo e do nosso território, Leôncio Arara, que também é pajé. Sua esposa, Iracema, é a parteira e é muito respeitada enquanto conhecedora do povo Arara. Existem ainda as lideranças políticas em nossas aldeias, que chamamos de caciques, necessários para representar nosso povo frente aos atuais desafios que nosso povo enfrenta. Atualmente, as duas lideranças políticas são Adalton Arara, da Terrawangã, e José Carlos Arara, da Guary-Duã.

3. História da escola e a relação com o povo Arara da VGX

Em 1976 e 1977 teve um professor chamado João Vieira de Araújo, convidado para lecionar na aldeia pelo chefe Leôncio, que pagava o professor. Seus alunos eram Maria do Perpétuo Socorro, Maria José, Francisco (Piroco), Devanir, Luís Ferreira, Vanilson e Dalvair. Entre os anos de 1978 e 1994, os estudos de alfabetização pararam. Em 1995, a professora Geane foi enviada pela secretaria de educação de Senador José Porfírio. Nessa época, a escola era coberta de palha e possuía as paredes de madeira. Foi construída pelas mãos de nosso patriarca, em conjunto com a comunidade. Mesmo sem saber como produzir móveis para a escola, nosso patriarca fez mesas e cadeiras para os alunos estudarem. Nessa época, nenhum jovem havia tido contato com a educação nos moldes como conhecemos, então a professora focou na alfabetização.

As crianças, enquanto brincavam, acabaram colocando fogo na escola. Então, para continuar o trabalho escolar, foram conversar na secretaria, mas a SEMED entendeu que a comunidade não tinha interesse, frente o incidente do fogo na escola. Leôncio então assinou um termo de responsabilidade para dar condições de trabalho à professora; nessa época, a

escola foi provisoriamente transferida para as casas da comunidade, até que a SEMED construísse um prédio mais adequado, o que ocorreu em 1999.

Em 2000, a escola de alvenaria e madeira foi inaugurada, mas, sem a manutenção necessária, houve a necessidade de reforma no prédio. Essa reforma foi concedida em 2010 pelo Dr. Aldo Giuseppe Lo Curto, que trabalha voluntariamente realizando benfeitorias em diversas aldeias. A escola construída pela SEMED tem apenas uma sala de aula e uma área para o professor, com um quarto, uma cozinha e um banheiro. Com o aumento da demanda por parte da população dos Arara, uma parceria estabelecida entre a SEMED de Senador José Porfírio e a Norte Energia, empresa responsável pela construção da hidrelétrica de Belo Monte, possibilitou a construção de uma sala anexa em 2012. Além dessa sala, a comunidade ergueu mais uma sala anexa, de palha, em 2015.

Nossa escola foi reconhecida como escola indígena entre 2012 e 2013, com o apoio da secretária de educação do município de Senador José Porfírio, que, na época, era Diana Amorim. Os esforços dessa secretária também trouxeram para nossa aldeia o Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º ano). Atualmente, a escola do povo Arara da VGX possui três salas de aula e atende 75 alunos, do Jardim (Educação Infantil) ao Ensino Fundamental Completo.

A primeira professora indígena foi contratada no ano de 2014 e, em 2015, nós conseguimos a contratação de mais uma professora indígena, para trabalhar como apoio à professora titular, devido ao aumento na demanda de alunos.

4. Objetivo da escola - o que a comunidade espera da escola

Um dos objetivos da nossa escola é alfabetizar nossas crianças, ensinar a ler e escrever, partindo do respeito pela cultura do povo, priorizando o desenvolvimento e o convívio dos indígenas na comunidade. A escola deve ofertar a língua Arara, por um professor falante nativo e tem que ser adequada à realidade do povo.

A escola deve respeitar o modo de vida tradicional, mas também deve ensinar conhecimentos para que nós possamos entender melhor o mundo do *Karei* (não indígena), para lutarmos pelos nossos direitos enquanto indígenas.

A escola deve fortalecer o movimento indígena, de modo que a comunidade possa estabelecer parcerias interessantes para melhoria da qualidade da educação.

Nossa escola deve preparar nossos alunos para que tenham autonomia enquanto indígenas na sociedade envolvente, de forma que eles possam, se vierem a sair da aldeia, ter o compromisso de buscar melhorias para a comunidade, priorizando a cultura própria do povo Arara da VGX.

Esperamos que a escola, com uma educação de qualidade e diferenciada, fortaleça a identidade do povo Arara da VGX.

5. Participação da comunidade na escola - direitos e deveres da comunidade escolar

A comunidade deve fiscalizar o trabalho dos professores através do acompanhamento das atividades de seus filhos e deve incentivar os alunos a participarem das atividades da escola. As crianças aprendem na escola, mas os pais devem ter a responsabilidade de incentivar seus filhos a irem para a escola e a fazerem suas tarefas. Todos na comunidade têm o direito de avaliar e cobrar os professores e demais funcionários da escola para que façam um bom trabalho; entretanto, para terem esse direito, devem acompanhar e se envolver nas atividades da escola. Assim, entendemos que todos, professores, lideranças, comunidades, tem responsabilidades no funcionamento da escola.

A comunidade deve participar ativamente dos mutirões realizados pela escola e se envolver com os alunos nas festas e demais atividades conjuntas. Entendemos também que a escola é um espaço coletivo, então, a comunidade deve se organizar para colaborar com a limpeza da parte externa da escola, de forma a propiciar um ambiente mais sadio para os alunos.

A comunidade também deve participar das reuniões convocadas pelos professores, pois nestes espaços é que serão discutidas a organização da escola e a avaliação dos alunos, além do trabalho do próprio professor.

Além disso, os mais velhos exercem um papel fundamental na transmissão de saberes do nosso povo; portanto, devem ser estimulados a se envolver mais nas atividades da escola. Em contrapartida, a escola deve ensinar aos mais jovens o respeito pelos mais velhos e a valorização de seus conhecimentos.

Os alunos devem ser responsáveis também por seu desenvolvimento e participação nas atividades da escola, além de precisarem respeitar os professores. Para tanto, os pais devem orientar seus filhos em casa com relação a esses aspectos.

Com uma maior participação das comunidades e o envolvimento dos alunos, o professor deve exercer seu trabalho com paciência e dedicação, procurando melhorar a prática de ensino através de capacitações, partindo sempre do respeito pelos costumes e valores do povo Arara da VGX.

As lideranças têm a responsabilidade de participar e cobrar o envolvimento da comunidade nas mobilizações da escola. Devem ainda avaliar, apoiar, defender e trabalhar conjuntamente com os professores, de modo que estejam comprometidas com a melhoria da qualidade da educação escolar indígena para o povo Arara da VGX.

A merendeira deve preparar adequadamente a alimentação para os alunos, preocupando-se em respeitar os hábitos alimentares da comunidade. Deve ainda zelar pela higiene nos espaços em que trabalha, visando manter a saúde e o bem-estar dos alunos.

O barqueiro deve buscar os alunos que moram fora da aldeia e transportá-los com responsabilidade e segurança. Precisa manter uma comunicação constante com os professores, para saber sobre o calendário de atividades escolares. Deve ainda zelar pelo transporte escolar,

atentando para os períodos que se fizerem necessários levar o barco/motor para a manutenção na cidade de Senador José Porfírio.

6. O que a escola precisa para funcionar bem

Nós entendemos que a educação é construída pelas pessoas e depende diretamente do envolvimento e dedicação dos professores, dos pais, das lideranças e demais membros das comunidades. Entretanto, nós consideramos que alguns aspectos materiais ou que dependem de recurso financeiro, também são muito importantes, como os listados abaixo:

- Materiais didáticos específicos e de qualidade: hoje a secretaria não envia materiais didáticos para a escola e temos a necessidade de materiais em quantidade suficiente para atender nossos alunos;
- Merenda escolar de qualidade e em quantidade suficiente: queremos que a merenda atenda a demanda (hoje a quantidade é insuficiente) e o costume alimentar da comunidade e que alguns itens da merenda possam ser adquiridos na própria comunidade; além disso, a merenda deve ser reforçada, pois precisa ser suficiente para o sustento dos alunos, que não se concentram nas atividades da escola se não estiverem bem alimentados;
- Utensílios de cozinha adequados: trata-se da ferramenta de trabalho da merendeira e precisam ser adequados à necessidade da comunidade, em termos de quantidade e qualidade;
- Espaço adequado de leitura e pesquisa: espaço para incentivar os alunos a estudarem;
- Espaço adequado para recreação: que atenda a realidade e necessidade da comunidade;
- Materiais permanentes de qualidade para a escola: quadro branco, pincel para quadro branco, móveis (mesas, cadeiras, arquivos, armários, etc.), eletrodomésticos (geladeira, freezer, fogão)
- Sistema próprio de rádio e de energia: aparelho de rádio e placas solares, de forma que o funcionamento da escola não dependa do sistema de comunicação e energia do restante da aldeia.
- Materiais escolares para todos os alunos e para suporte do trabalho do professor;
- Ser autônoma do ponto de vista pedagógico e administrativo: para tanto, o povo Arara da VGX necessita de formações específicas, de modo que futuramente possam assumir a gestão escolar;
- Professores indígenas qualificados: são necessárias formações específicas, que permitam a formação inicial e continuada de professores indígenas;
- Curso de informática para os professores: curso específico para que os professores não só aprendam os recursos de informática, mas também aprendam como utilizar o computador como ferramenta de ensino na escola;

- Professores indígenas em número suficiente para atender a demanda de alunos;
- Acompanhamento pedagógico periódico para os professores indígenas, incluindo a visita periódica nas comunidades de um responsável pelo recolhimento de documentos escolares;
- Calendário escolar adequado ao calendário tradicional do povo;
- Prédio escolar adequado de acordo com as necessidades da aldeia;
- Equipamentos necessários para as práticas pedagógicas: computadores, internet, filmadoras, gravadores, televisão, DVD, data-show, tela de projeção, impressora;
- Entrega periódica de materiais pedagógicos e de escritório: papel ofício, lápis de cor, giz de cera, papel camurça, materiais de secretaria (grampeador, perfurador, guilhotina, etc.);
- Transporte escolar adaptado às necessidades de cada povo (barco, carro, etc.) e combustível (para alunos e professores no cotidiano e para professores nas formações, reuniões, etc.)
- Transporte garantido para os materiais didáticos e merenda escolar;
- Os professores precisam ter carteira assinada e uma remuneração condizente, com o salário contemplando o adicional de área indígena: para isso, precisa ser criada a categoria profissional de professor indígena e abrir concurso da prefeitura ou do estado com edital específico para os professores indígenas;
- Para que o trabalho do professor possa sempre melhorar, inclusive como pesquisador indígena, é necessário apoio dos sabedores e especialistas de cada povo, e também de assessoria de especialistas não indígenas (antropólogos, linguistas, pedagogos, arqueólogos, matemáticos, etc.);
- Prestadores de serviços gerais: necessário ter uma zeladora ou faxineira contratada na escola, de forma a manter um ambiente saudável e agradável aos alunos.

7. Metodologia de ensino - como deve ser o ensino na escola

Envolver os mais velhos na escola é fundamental, para que os conhecimentos tradicionais sejam valorizados a partir dos sabedores das comunidades. Se a escola é diferenciada, tem que ensinar o costume do indígena. Apesar dos velhos não saberem ler, eles possuem vários conhecimentos que podem ser repassados em conversas. Quem aprende com os velhos, pode também ser muito sábio. Existem saberes diferentes e todos são importantes. Os saberes dos velhos hoje são diferentes dos saberes ensinados na escola, mas esses conhecimentos podem ser ensinados juntos. Os mais velhos serão convidados a virem até a escola, mas, como os seus ensinamentos são passados através da oralidade e da convivência, preferencialmente o professor irá incentivar os alunos a irem até a casa desses sábios ou a irem acompanhá-los no dia-a-dia da comunidade.

O chefe da comunidade mostra uma preocupação com a forma de uso dos conhecimentos tradicionais, ressaltando que estes conhecimentos devem ser usados com

responsabilidade pelas novas gerações. Hoje, os jovens não pensam nos recursos a longo prazo, então a escola deve promover a conscientização do manejo sustentável dos recursos naturais disponíveis no território e essenciais à sobrevivência do povo, respeitando seu calendário tradicional.

Dependendo do assunto a ser trabalhado, os recursos da Terra Indígena devem ter priorizados como método de ensino-aprendizagem, ou seja, os problemas devem partir da realidade vivenciada pela comunidade. As aulas sobre ensinamentos da natureza serão ao ar livre, utilizando os recursos naturais da aldeia, bem como as aulas de artes envolverão a produção artística das comunidades, como grafismos, danças, cantos, instrumentos que possam servir como adornos ou como elementos de caça e pesca, entre outros. As brincadeiras com os alunos deverão priorizar cantos e danças próprias do povo. Todos os professores devem ser flexíveis com relação as atividades tradicionais que seus alunos desenvolvem acompanhando seus pais, as quais garantem o desenvolvimento completo do cidadão indígena de nossas comunidades.

O professor deve trabalhar os ensinamentos da comunidade, que não são contemplados na grade curricular, de modo a estimular o interesse pelos conhecimentos próprios do povo Arara da VGX.

O professor irá incentivar o aluno a aprender através da pesquisa, ou seja, a buscar o conhecimento por si, perguntando para outras pessoas, observando o dia-a-dia da comunidade, olhando em mais de um livro, conversando com os mais velhos, com os pais.

Com as turmas de Ensino Fundamental maior, os professores também irão desenvolver projetos de interesse da escola e da comunidade. Atualmente, nós temos um projeto de higiene bucal chamado *Cuidando do Sorriso das Ararinhas da Volta Grande do Xingu*, que trabalha na sala de aula a função dos dentes e a necessidade de cuidar bem deles. Este projeto conta com a participação de alguns voluntários da comunidade.

Também iremos implementar a projeto *A Comunidade na Escola*, em que os alunos em geral votam em duas pessoas da comunidade a cada mês e essas pessoas devem, no último sábado do mês, desenvolver alguma atividade com a escola. O tema é livre, essas pessoas poderão fazer uma roda de histórias ou de cantos, levar os alunos para uma atividade de campo, fazer uma palestra sobre um assunto, fazer uma oficina de artesanato, enfim, qualquer proposta será válida. O objetivo desse projeto é trazer a comunidade para dentro da escola, para contribuir com o desenvolvimento de nossos alunos.

Além disso, um grupo de pessoas interessadas nas questões referentes à educação irá organizar um *Grupo de Estudos da Língua Arara*, com a finalidade de aprender a língua e de se preparar para ensiná-la aos alunos.

8. Avaliação

Os pais devem acompanhar o que os filhos estão fazendo, se estão se dedicando às tarefas que o professor passa e se estão se envolvendo nas atividades da escola. A comunidade tem que acompanhar as atividades do professor, de modo a entender o que ele está fazendo e quais as dificuldades, para que a responsabilidade pelos alunos seja compartilhada e o trabalho do professor possa ser melhor aproveitado. Todos devem ter responsabilidade sobre os alunos.

O aluno será avaliado através de provas escritas, que serão consideradas como atividade avaliativa do conteúdo trabalhado mediante atribuição de notas (0 a 10). Em nossas comunidades, os alunos encaram a competição como algo estimulante para que se dediquem a estudar mais, pois conseguem visualizar o seu próprio processo de aprendizagem. Também serão avaliados de acordo com a participação e o comportamento em sala de aula, com relação ao respeito com os colegas, cuidado com os materiais e ambiente escolar (valerá ponto).

A comunidade irá avaliar o envolvimento e participação dos alunos em atividades comunitárias. Assim, o professor fará uma reunião duas vezes por ano com a comunidade para fazer essa avaliação e considerá-la nos documentos escolares. Entretanto, no dia-a-dia, todos os pais têm a liberdade de procurar o professor para conversar, fazer avaliações sobre o aprendizado de seu filho e, até mesmo, assistir as aulas. A escola é um espaço da comunidade, todos têm livre acesso.

Todas as informações referentes às diversas avaliações dos alunos serão registradas em um caderno específico para tal fim, com atribuição da nota final.

9. Calendário escolar

Nossas aulas irão começar na primeira semana de fevereiro. No caso dos feriados nacionais, dependendo do feriado, o tema será trabalhado na escola, mas as comunidades não necessariamente irão suspender as aulas.

Nós seguiremos a definição da secretaria de dar 200 dias letivos, totalizando 800 horas-aulas anuais; entretanto, nossas aulas serão divididas entre atividades em sala de aula e atividades práticas, em outros espaços de ensino das aldeias, referentes aos conhecimentos tradicionais.

Abaixo colocamos o número de dias letivos por mês e o período em que a escola estará em férias. Caso alguma festa ou feriado que a comunidade guarde suspenda as aulas em determinado mês, as mesmas serão repostas no mês seguinte ou em dezembro.

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Férias	24	24	20	22	20
Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Férias	22	24	20	24	Férias

Até o momento, a única festa em que é obrigatória a participação da escola é a Festa do Dia do Índio, no dia 19 de abril. Professores e alunos são responsáveis por organizar a festa e mobilizar a comunidade. A semana de preparação e a festa em si são consideradas como aulas práticas.

Nós, Arara da VGX, estamos buscando reaprender as festas e os rituais que nossos antepassados faziam. Então, temos a intenção de realizar novamente nossas festas tradicionais, como a Festa do *lei pari*, em junho, e a Festa de São Francisco das Chagas, que era realizada como agradecimento a uma promessa de um de nossos velhos de antigamente. Essas festas, se ocorrerem, poderão entrar no calendário escolar.

Reforçamos que o calendário escolar deve respeitar o calendário tradicional do povo Arara da VGX, mas também deve ser respeitado pelos alunos, pela comunidade e pela Secretaria de Educação de Senador José Porfírio.

10. Divisão de turmas e conteúdos

10.1 Divisão de turmas

Atualmente nossa escola trabalha com o sistema multisseriado. Temos cinco turmas:

- 1) alunos da Educação Infantil (jardim 1 e 2) e alunos de 1º ano do Ensino Fundamental;
- 2) alunos do 2º e do 3º ano do Ensino Fundamental;
- 3) alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental;
- 4) alunos do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental;
- 5) alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

Nesse tipo de sistema, dividimos as turmas segundo a habilidade de linguagem e compreensão de conteúdos, ou seja, pelo desenvolvimento do aprendizado do aluno. Isso quer dizer que um aluno só muda de série ou de etapa se ele aprender os conhecimentos da etapa em que ele está. Portanto, essa avaliação não leva em conta somente a idade do aluno, mas a capacidade dele avançar seu aprendizado.

A comunidade espera que o professor não passe o aluno apenas para atender o sistema de avanço de séries; a avaliação do real conhecimento do aluno é importante para que ele esteja apto de fato, futuramente, a continuar seus estudos fora da aldeia, se ele assim o desejar. Esperamos que a secretaria reconheça a importância de respeitar essa organização da comunidade, de forma que suas metas não sejam meramente produzir estatísticas de aprovação.

10.2 Conteúdos e habilidades

a) Turma 1 - alunos do Ensino Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental

Nessa etapa, os alunos devem desenvolver as habilidades motoras e sociais. Devem ser capazes de segurar o lápis, contornar e pintar figuras, reconhecer as formas geométricas, ligar os pontos, conviver com os colegas, cantar, dançar, realizar brincadeiras em grupo, ter noções sobre saúde, aprender a respeitar os mais velhos e os conhecimentos que eles possuem, aprender a valorizar a cultura dos Arara da VGX, reconhecer o próprio nome escrito, compreender suas relações de parentesco e a importância das atividades coletivas para a comunidade. Para tanto, nossas aulas irão abordar os seguintes conteúdos:

- símbolos utilizados na escrita (alfabeto e números)
- formas geométricas
- números de 0 a 10 e noções de adição e subtração
- noções de saúde e higiene corporal, bucal, mental, ambiental
- histórias da comunidade
- história do povo Arara da VGX
- identificação de personagens através das rodas de leitura
- músicas do povo Arara da VGX
- danças do povo Arara da VGX
- cores (artificiais e naturais)
- noções de tempo
- noções do sistema solar
- partes do corpo
- noções de recursos naturais que são utilizados no dia-a-dia da comunidade (casa, artesanato, pesca, caça, roça, entre outros)
- respeito para com os pais, professor, colegas e mais velhos, de um modo geral
- noções de parentesco
- grafismo e pintura corporal
- saber competir (ganhar e perder)
- respeito para com as regras, tanto da escola, quanto da comunidade
- noções sobre crenças tradicionais

b) Turma 2: alunos do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental

Nessa etapa, os alunos devem saber ler, escrever e interpretar textos, além de desenvolver habilidades de comunicação oral. Dessa forma, nossos conteúdos serão:

Linguagens

- conteúdos da base nacional comum de Língua Portuguesa
- escrever pequenos textos, como bilhetes e cartas
- leitura e compreensão de textos
- gramática da língua portuguesa
- oralidade da língua Arara

Matemática e raciocínio lógico

- conteúdos da base nacional comum de Matemática
- matemática: ensino do números e adição e subtração
- noções de multiplicação e divisão

Sociedade, cultura e natureza

- conteúdos da base nacional comum de Ciências, História, Geografia e Artes
- conhecimentos tradicionais (pesca, roça, caça, rituais)
- pintura corporal: significados, utilização e preparação
- divisão do trabalho na comunidade
- animais e sua importância para os Arara da VGX
- organização social da comunidade e responsabilidades
- noções sobre territórios e mapas
- história do Brasil e dos povos indígenas
- conhecimento intercultural
- valorização dos conhecimentos próprios do povo Arara da VGX
- saber nomes dos principais rios da região onde vivem
- crenças tradicionais
- arte indígena

Saúde

- plantas medicinais
- importância e respeito pelo pajé e pela parteira

c) Turma 3: alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

Nessa etapa, os alunos devem saber ler e interpretar textos mais complexos, escrever de acordo com as regras ortográficas da língua portuguesa, saber fazer as quatro operações e aplicá-las no seu dia-a-dia, conhecer os estados brasileiros e a localização da TI Arara da VGX em relação ao mapa do Brasil, conhecer a história do próprio povo, saber interpretar e fazer mapas, ter noções de localização geográfica e espacial, entender o sistema solar, compreender o funcionamento do corpo humano. Assim, nossos conteúdos serão divididos em:

Linguagens

- conteúdos da base nacional comum de Língua Portuguesa

Matemática e Raciocínio Lógico

- conteúdos da base nacional comum de Matemática
- problemas envolvendo as quatro operações
- composição e decomposição de números naturais
- unidade, dezena e centena

Sociedade, cultura e natureza

- conteúdos da base nacional comum de Ciências, História, Geografia e Artes
- história do Brasil e dos povos indígenas
- localização do Brasil no mundo
- conhecer as formas básicas de organização política da região onde nós vivemos
- história do povo Arara da VGX e a demarcação do território
- noções de direitos dos povos indígenas
- divisão política do país em estados, regiões, municípios e aldeia
- clima, vegetação e principais rios do Brasil
- o corpo humano: órgãos e funções
- o sistema solar e seus componentes
- noções de astronomia
- crenças tradicionais
- partes das plantas
- cadeia alimentar
- o planeta terra e seus componentes
- interferência humana na natureza e suas consequências
- transformação do espaço geográfico e o contexto da TI Arara da VGX
- meios de transporte
- meios de comunicação
- tipos de moradias
- espaços urbanos e não urbanos
- arte indígena

Saúde

- os perigos do lixo para a saúde humana e a natureza
- tipos de lixo e como descartar cada tipo de lixo
- saneamento básico

d) Turma 4 (alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental) e Turma 5 (alunos do 8º e do 9º ano DO Ensino Fundamental)

Os alunos do Ensino Fundamental maior devem saber ler, interpretar e elaborar diferentes tipos de texto, ter habilidades orais de comunicação, entender a organização política do Brasil e da comunidade, saber desenvolver um projeto de pesquisa, participar das reuniões e movimentos políticos da comunidade, entender os direitos dos povos indígenas, entender as mudanças vividas pelos Arara da VGX nos últimos anos, entender as ações do homem na natureza e seus impactos, saber como promover o manejo sustentável dos recursos naturais, saber qual a moeda nacional e entender o valor do dinheiro como meio de sobrevivência no mundo não índio, conhecer as plantas mais utilizadas pela comunidade, seja para alimento, artesanato, remédio, moradia ou outras aplicações, conhecer o funcionamento do próprio corpo. Assim, nossos conteúdos serão divididos em:

Linguagens

- conteúdos da base nacional comum de Língua Portuguesa
- língua portuguesa (leitura, escrita, gramática, interpretação e oralidade)

Matemática e raciocínio lógico

- conteúdos da base nacional comum de Matemática
- compreender as noções e marcações de tempo do *Karei* (não indígena) e as tradicionais

Sociedade, cultura e natureza

- conteúdos da base nacional comum de Ciências, Geografia, História e Artes
- conhecer as formas básicas de organização política do Brasil: legislativo (vereadores, deputados), judiciário (tribunal de justiça, ministério público), executivo (prefeito, governo, presidente)
- conhecer as leis que dizem respeito aos povos indígenas

Saúde

- educação sexual
- métodos contraceptivos

11. Considerações finais

Nós, das comunidades do povo Arara da VGX, construímos esse documento de forma participativa, envolvendo o chefe do nosso povo, as lideranças, professores, pais de alunos e outros representantes da comunidade escolar. Nós pensamos sobre nossa atual educação e discutimos como queremos que nossa escola funcione e para que queremos nossa escola. Esse documento é a primeira versão do Projeto Político Pedagógico da Escola do Povo Arara da VGX e deve ser constantemente avaliado e modificado, visando a melhoria dos processos educativos em nossa escola.

Nós temos processos próprios de ensino-aprendizagem, que são baseados nos nossos costumes e valores tradicionais. Esse documento visa orientar as nossas práticas pedagógicas e esperamos que a SEMED de Senador José Porfírio respeite a nossa vontade, enquanto povo Arara da VGX, em valorizar e fortalecer a nossa identidade.

Esse documento é de fundamental importância para a autonomia étnica deste povo, porque o mesmo traz informações culturais e tradicionais que devem ser valorizadas e respeitadas pelos não índios. Ele orienta a escola a respeitar nossa forma de organização sociocultural e política, promovendo uma educação diferenciada e de qualidade. Assim, almejamos formar cidadãos que se auto valorizem enquanto indígenas, mas também saibam se articular com a sociedade envolvente, sem deixarem-se enganar e que defendam nossos direitos.

ORGANIZAÇÃO: Povo Arara da Volta Grande do Xingu

Professores indígenas: Elissandra dos Passos Moura Arara, Lídice de Sousa Oliveira Juruna

Comunidade escolar: Leôncio Arara, Adalton Arara, Maria de Lourdes Arara, Francisco Ferreira Arara, Josivan Arara, Josélia Mendes Arara, Arlete Arara.

ASSESSORIA:

Ana Carolina Ferreira Alves - consultora linguista

Larissa de Souza Lança - equipe técnica do Programa de Educação Escolar Indígena do PBA-CI da UHE Belo Monte